

Homilia de Dom Walmor na Beatificação de Padre Eustáquio

Dia 15 de junho de 2006 (Festa de Corpus Christi)



Amados e amadas de Deus, saúde e paz!

Saúde e paz para toda a Igreja, no mundo inteiro, hoje congregada em oração, celebrando a festa de Corpus Christi, nas grandes e pequenas comunidades; nas catedrais e nas igrejas, debaixo de árvores e em barracões das comunidades; como Torcida de Deus, em estádios, praças e ruas.

Saúde e paz para a Igreja no Brasil, em Belo Horizonte, em Romaria, Ibiá e Poá, por onde passou o homem de Deus, o Beato Padre Eustáquio.

Saúde e paz em nossas famílias e no coração de cada um, presente aqui e em sintonia orante conosco, pela TV Horizonte, Rede Vida, TV Aparecida, nossas Rádios América e Cultura, formando um coração só.

Saúde e paz, saudando o Cardeal José Saraiva Martins, Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, que veio com sua simplicidade e acolhimento trazer a presença e o alento carinhoso do Santo Padre o Papa Bento XVI, neste dia do grande dom da beatificação do Pe. Eustáquio.

Saúde e paz ao Cardeal Dom Serafim Fernandes de Araújo, presença importante na história desta beatificação, com Dom Arnaldo Ribeiro, arcebispo emérito de Ribeirão Preto, para nossa alegria, já conosco em Belo Horizonte, o presidente do Tribunal quando da instalação do processo que culminou hoje, quando proclamamos Beato Padre Eustáquio, certeza de um intercessor e inesquecível exemplo de vida.

Saúde e paz ao coração silencioso e oferente de nosso amado e bom Dom João Resende Costa, no seu leito no Hospital Madre Teresa, um altar de oferta para questionar toda pretensão e convencer de que é bom ser bom.

Saúde e paz, recordando nosso admirável Dom Antônio dos Santos Cabral, apóstolo destemido, homem eucarístico que marcou pra sempre este Povo, realizando aqui, 70 anos atrás, o 2º Congresso Eucarístico Nacional, deixando-nos a herança de fazer a hóstia brilhar nas montanhas de Minas, pela coragem de nossas ações solidárias e pela sinceridade no amor aos mais pobres e sofredores.

Saúde e Paz aos irmãos bispos aqui presentes, na alegria de contar com a presença da presidência da CNBB, na pessoa de D. Odilo Pedro Scherer, secretário geral, e de Dom Célio Goulart, presidente do nosso Regional Leste II, Minas Gerais e Espírito Santo.

Saúde e paz ao bispo da terra natal do Pe. Eustáquio, com todos os irmãos bispos aqui presentes e em comunhão conosco nesta festa da fé.

Saúde e paz ao Pe. Enrique Losada e aos queridos padres, religiosos e religiosas da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, companheiros missionários do Beato Padre Eustáquio.

Saúde e paz aos nossos sacerdotes todos, diocesanos e religiosos, seminaristas e vocacionados.

Saúde e paz ao nosso Estado de Minas Gerais, nossa amada cidade de Belo Horizonte, sede de nossa Arquidiocese e com seus outros 27 municípios. Saúde e paz a prefeitos, parlamentares, magistrados, autoridades acadêmicas, civis e militares.

Saúde e paz ao Padre Gonçalo Belém, agraciado com o milagre pela intercessão do Beato Padre Eustáquio, seus familiares e comunidade paroquial de São Pedro.

Saúde e paz a todos os organizadores, patrocinadores e benfeitores deste magnífico espetáculo, festa da fé, no desejo sincero de que sejam ricamente recompensados e tenham a proteção do Beato Padre Eustáquio.

Saúde e paz a todos os devotos e devotas deste homem de Deus, Beato Padre Eustáquio; os de longe e os de perto, jovens, crianças e adultos, convencidos e consolados por ser ele uma presença viva do amor na vida de todos.

Saúde e Paz! De modo todo especial, em profunda e mística sintonia com o coração do Beato Padre Eustáquio, 'SAÚDE E PAZ' aos pobres e deserdados desta terra, aos doentes e sofredores, especialmente os encarcerados, moradores da rua, desempregados, vítimas de preconceitos e discriminações, recordando neste dia, à luz do compromisso do Senhor Jesus que se oferece no seu corpo e sangue, o nosso compromisso primeiro com eles, em respeito à sua vida por um empenho sincero e solidário na sua promoção.

Saúde e paz, Torcida de Deus, a 12ª, na história bonita desta Igreja de pastores exemplares, sacerdotes abnegados, evangelizadores ardorosos e povo de Deus rico desta fé cristã professada e testemunhada.

***“Tomai, isto é meu corpo! Isto é o meu sangue,
o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos” (Mc 14,24)***

Estas palavras brotaram fortes do coração do Senhor Jesus naquela ceia derradeira. A mesma ceia que estamos celebrando aqui agora, sustentados pela força desta sua palavra, garantidos pela recomendação por ele feita de isto fazer em sua memória.

Memória que ultrapassa um simples sentido de lembrança e se torna o grande documento de Deus ao estabelecer no coração da história da humanidade, pela Eucaristia, a fonte perene de suas bênçãos e de vida para todos. A ceia derradeira que Ele indicou como preparar, enviando os seus discípulos, no coração da cidade, a cidade de Jerusalém, referência religiosa, e símbolo também das contradições, dos grupos partidários e mesquinhos, e dos interesses que se opunham ao querer misericordioso e redentor de Deus.

Pela compreensão de sinais muito simples, como aquele de um homem carregando um cântaro, próprio do jeito de Deus indicar, surpreendendo as pretensões humanas, e mostrando que o espetacular, ultrapassando o contorno fantástico das imagens, gestos e cores, está nos gestos amorosos de Deus. Por esta palavra ele revela aos seus discípulos, ali congregados ao seu redor, o segredo do seu coração de Filho Amado.

Seu segredo não é a costumeira artimanha das mentiras e manipulações tão comuns no exercício de poderes e no desempenho de funções. Seu segredo não é a falsa diplomacia do fazer de conta, comprometendo a transparência pela adoção da conivência a fim de se garantir comodidades, conquistas, por vezes injustas, e modos de perpetuar domínios e controles mesquinhos.

Seu segredo é o amor obediente a Deus Pai que ‘tanto amou o mundo que deu o seu filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna’ (Jo 3,16). ‘Tomai, isto é meu corpo! Isto é meu sangue!’, ecoou no coração de discípulos humanamente estreitados e ainda incapazes de compreender para além das lógicas dos próprios interesses, e sustentados ainda pelas próprias evidências.

As circunstâncias eram dramáticas. Como dramáticas são as circunstâncias deste tempo que se chama hoje. Circunstâncias dramáticas pelos mascaramentos da verdade, manipulação de dados e informações para favorecer interesses, prejudicar a imagem alheia e perpetuar funcionamentos que não atendem, de verdade, os que precisam, justificando a permanência de lugares como garantias das conquistas mesquinhas que vão permeando as organizações da sociedade, mantendo no poder os que bem sabem dele usufruir, envelhecendo a ordem social, tantas vezes revestida de discursos demagógicos, distantes das prioridades que devem ser assumidas pelo estado de modo a efetivar a construção de um ordenamento social justo, jamais eximindo a Igreja, pela força do seu compromisso de fé, da permanente tarefa que define sua identidade, a tarefa que se hospeda no serviço da caridade.

“Tomai, comei e bebei” é o coração amoroso e oferente do Senhor Jesus, o ponto alto daquela noite em que foi entregue (I Cor 11,23), quando instituiu o sacrifício eucarístico do seu corpo e sangue. E assim o sacrifício da cruz se perpetua através dos séculos, fonte perene e inesgotável para gerar e sustentar discípulos e discípulas deste Mestre e Senhor. “A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência, porque dom d’Ele mesmo, da sua pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação” (EE 11).

Por isso, o sacrifício eucarístico é ‘fonte e centro de toda vida cristã’. Na Eucaristia está o tesouro espiritual maior da Igreja. É o próprio Cristo, nossa páscoa, o pão vivo que dá ‘a todos a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo’ (PO 5). Este dia especial na vida de nossa Igreja, celebrando Corpus Christi, é oportunidade de ouro para renovar os compromissos desta Aliança estabelecida conosco, por Cristo, com Cristo e em Cristo.

Uma aliança que pede de todos nós a sinceridade de dizer como povo de Deus “Faremos tudo o que o Senhor nos disse e lhe obedeceremos” (Ex 24,7), como nos inícios o fez o Povo da antiga aliança. Uma obediência que tem uma medida. Uma medida exata. É a medida do amor de Deus por nós, revelada no amor de Cristo que se oferece. Uma medida que exige uma revisão profunda do jeito de ser de cada um, modificações significativas no que se configura como cultura, e compromisso corajoso de mudar instituições e funcionamentos

para que a verdade tome o lugar da mentira, as maledicências sejam substituídas pelos encantamentos fraternos, as mágoas não presidam os corações, desfigurando histórias e abrindo lacunas dolorosas na indispensável solidariedade.

Assim, esta oportunidade, hoje, aqui e agora, é propícia para se alentar a compreensão do sentido de sermos uma Igreja Eucarística, fecundando nosso enlevo eucarístico, enquanto celebrando e adorando, no silêncio e no louvor, de modo que nossas vidas de discípulos e discípulas se tornem uma continuidade da oferta do Senhor Jesus na vida dos irmãos. Neste compromisso dos discípulos e discípulas de Jesus resplandece a figura do Beato Padre Eustáquio. Uma excelência conquistada tão simplesmente com a bondade.

A bondade nascida da convicção e da fidelidade ao princípio mais importante da fé cristã: o outro é sempre mais importante. Uma importância de amado e amada de Deus, pelo preço da oferta que o Senhor faz de si. O Beato Padre Eustáquio compreendeu o segredo do Senhor. Buscou vivê-lo nos mínimos detalhes, em cada palavra, na atenção a cada um, particularmente aos pobres e doentes. Outro não poderia ser o resultado senão o de sua santificação, numa lembrança perpétua e imorredoura de sua presença que continua forte e alentadora, na certeza de sua intercessão.

De novo, chegou o tempo da Copa do Mundo. Um sentimento comum toma conta dos corações. É curioso. Na hora do jogo, as emoções são intensas e as expectativas são inquietantes. Muita gente agregada num mesmo sentimento. Existem, também, é verdade, muitos desinteressados, ou mesmo aqueles que se posicionam apaticamente. Não faltam aqueles que também se opõem e classificam como fanáticos os que engrossam as fileiras da torcida.

Nenhuma diferença faz, no entanto, no cenário que, colorido e festivo, entre silêncio e explosão, olhares atentos ou abraços, congrega a torcida lá no estádio, nos pequenos grupos, nas aglomerações de milhares em praças, no aconchego da família ou dos lugares de trabalho, ou mesmo na alegria barulhenta dos bares e das calçadas ocupadas. É indescritível a emoção que se experimenta.

Há um curioso contracenar de um silêncio quase sepulcral, contemplativo e de espera, com as explosões de alegria e o gosto prazeroso na busca de uma vitória. A torcida agrega, num coração só, no desejo de vencer e explodir de contentamento, os diferentes, os desconhecidos, os que percorrem outros caminhos e mesmo os que vivem jeitos diferentes e até opostos.

Até as escolhas religiosas ganham a sua necessária relatividade. Há algo que vale mais do que as diferenças que criam oposições e constituem os inimigos. Há uma força de agregação espetacular. Essa força tem um nome. Essa força é uma paixão. Uma paixão que supera indiferenças, apatias ou oposições. Esta paixão toca os corações e é contagiante. Tem propriedades únicas para mobilizar os corações. Também lhe é próprio abrir espaços para hospedar opiniões divergentes, discussões e diálogos, para dar voz aos desejos e aos desprazeres, fazer as críticas, expressar escolhas e até sugerir, ainda que fora e longe dos embates, soluções para se conquistar um caminho melhor e obter resultados mais satisfatórios.

É um espetáculo sem precedentes. É uma mobilização que impressiona. Não é, pois, uma coisa qualquer que configura este espetáculo singular. É algo que vem de dentro. O coração

é o lugar desta paixão. Por ela se faz tudo. Com ela, tudo faz diferença. Valem os sacrifícios. As diferenças contracenam. Os desejos múltiplos se canalizam num só. É a força de uma paixão. Uma paixão alimentada por figuras que merecem, pela arte de jogar, os títulos de fenômeno, melhor do mundo, rei. Tornam-se ídolos.

Seus nomes são pronunciados por todos, independentemente da idade ou da importância social. Suas escolhas seduzem. Alimentam a força das propagandas. Estabelecem modas e criam grifes. Os estádios vêm abaixo quando pisam o gramado. Tomam conta de espaços nas ruas e nos meios de comunicação. Moram nos corações. Alimentam os entusiasmos e até conseguem dar sentido para se esperar o que vai chegar depois. Por um momento, tudo parece eterno. Passa, no entanto. E passa mesmo. Muitas vezes passa com o amargor da vitória que não se conseguiu. Não há garantias. Depende também da sorte e das circunstâncias. Não são deuses os que produzem estes espetáculos. Tarde ou muito cedo estarão enfileirados na torcida. Todos têm lugar na torcida. A torcida revela algo que está escondido no coração. Não é uma simples necessidade de espetáculo. É muito mais.

O espetacular apenas reveste uma procura. Uma procura que possa fazer encontrar uma fonte mais perene do sentido que garanta à torcida uma vitória e a certeza de que nunca haverá uma derrota definitiva. A convicção é que assim só pode ser se for Deus. Só Deus pode garantir à sua torcida a certeza da vitória, ainda que se tenha de ver arrastando as agonias intermináveis no tempo que não passa nos jogos vários da vida; ou nas exigências de se começar tudo de novo, quando necessário, para conquistar a vitória.

E a paixão que move a torcida encontra em Deus a perenidade de sua força, com a conquista de uma compreensão que vale a pena ser bom, porque é bom ser bom. E não apenas num tempo, mas o tempo todo, valendo a pena ser membro da Torcida de Deus. A Torcida de Deus, um espetáculo encantador, na sua 12ª Edição, na Arquidiocese de Belo Horizonte, em comunhão com a Igreja Católica no mundo inteiro, celebrando Corpus Christi, para encantar e seduzir os corações para a magnitude do que significa a comunhão e a santidade.

E a torcida hospeda gente de grande estatura, como o Beato Padre Eustáquio, um santo que viveu e passou por aqui. Uma presença sublime da Torcida de Deus. A excelência não é só de quem sustenta as razões de nobreza para a torcida. A Torcida é de Deus. A pertença a ele gera comunhão. A única comunhão que não permite vencedores e vencidos. Todos vencem. É a comunhão no amor. Amor que revela o segredo da torcida que se traduz na oferta de si. A oferta da vida como Deus faz de si para o bem de todos. E Torcida de Deus é santidade de vida, é força de comunhão.

Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte-MG